

Manuel Ferreira: um apaixonado por África

N. 18/1/84

Manuel Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, acaba de lançar os dois primeiros volumes de uma colecção intitulada «Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa».

Profundamente apaixonado por África, Manuel Ferreira tem,

ao telefone com Manuel Ferreira quisemos saber o porquê deste amor e ligação a África.

«Tudo começou quando, menino e moço, fui como expedicionário para Cabo Verde. Ai se iniciou o meu tirocinio africano. Em Cabo Verde permaneci seis anos, aí cesei com Orlando Amaral uma notável escritora, apesar de eu poder ser considerado suspeito ao fazer esta afirmação — e aí conheci os homens da revista «Claridade». E já agora sempre he digo — os meus 65 anos permitem-me já ter esta pequena vaidade... — que aí influenciei também, de certa maneira, a juventude liceal de onde saiu a revista «Certeza», importante na literatura cabo-verdiana. Foram seis anos: festas, convívios, leituras, conferências, colóquios... Aos 22 anos em S. Vicente, fiz a minha primeira conferência sobre o neo-realismo de Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Sidónio Muralha... Veja lá, foi em 1943!»

— Mas eu perguntava-lhe como é que começou o seu amor por África. Por exemplo: começou a escrever sobre Cabo Verde nessa altura?

«Não, não. Lá comecei a escrever mas sobre a realidade portuguesa. Dois romances que ainda não publiquei e o meu livro de estreia, de contos, chamado «Grei». Sobre Cabo Verde só comecei a escrever depois de ter voltado a Lisboa. Só aqui comecei a pensar Cabo Verde — e nos cafés, onde sempre gostei de escrever e conviver, surgiu a «Morna», o meu primeiro conto cabo-verdiano.»

— O seu interesse por África, contudo, não se limita a Cabo Verde...

«Naturalmente. Cabo Verde foi o começo. Depois, sabe como é: uma questão de necessidade de conhecer uma realidade mais vasta, que se sente. O colonialismo, as lutas de liberta-

ção nacional, tudo isso. Aprendi também um bocadinho da África de expressão francesa e inglesa. Foi, como um «Puzzle» que se constrói pouco a pouco. Tudo está ligado. Por exemplo, o Brasil, as Caraíbas, as suas raízes africanas. Fui-me interessando. Mas devo dizer-lhe que a minha mulher tem uma grande responsabilidade em tudo isto. É um facto: se não tivesse casado com uma cabo-verdiana talvez não fosse assim. As pequenas histórias, o crioulo, a própria culinária — tudo me manteve ligado a uma determinada realidade,



Manuel Ferreira

me fez apaixonar por ela, alimentou o meu interesse».

— As suas iniciativas para divulgar a literatura africana de expressão portuguesa têm sido variadas. Teve alguns apoios oficiais?

«Bem vê: no fascismo era um solitário. É certo que fazia uma vida de tertúlia, no Martinho, na Brasileira, nos cafés da Avenida da República, no

Montecarlo, sei lá que mais. Convivia com homens como o Carlos de Oliveira, o Zé Gomes Ferreira, o Abelaira, o Cardoso Pires, o Mário Dionísio e muitos outros — mas no que a África respeitava, era um solitário.»

E depois do 25 de Abril? Os apoios apareceram?

«Não, também não tenho tido apoios. Lancei a revista «África» (uma aventura que começou a nascer em 73 quando o Luandino Vieira veio do Tarrafal e foi viver para perto de mim, em Linda-a-Velha) mas sem apoios. Apenas com a boa vontade do então embaixador em Moçambique Albertino de Almeida, do Emilio Filipe, que faleceu há pouco tempo, e do Martins Pereira, pintor. Claro que não posso deixar de referir que o Instituto Português do Livro e o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa requisitavam um determinado número de exemplares da revista, mas isso não passou de uma pequena ajuda. Nada mais.»

ias a revista «África», que é trimestral, vai aparecer de novo. Verdade?

«Assim o espero. Se tudo correr bem, no primeiro trimestre de 84 estará cá fora um novo número.»

Mas você está também metido noutra projecto: a colecção «para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa», já saíram dois volumes...

«Exacto. Já publiquei o «Coração em África», do poeta são-tomense Francisco José Tenreiro e a «Poesia Negra de Expressão Portuguesa», que é uma antologia há muito esgotada da autoria de Mário Pinto de Andrade e Francisco Tenreiro, agora com um estudo que eu próprio fiz.»

Qual o objectivo da colecção?

«Sempre o mesmo: divulgar e dar

projecto à literatura africana de expressão portuguesa, neste caso reeditando obras fundamentais de há muito esgotadas.»

Além dos dois volumes já vindos a público que outras obras estão na calha?

«Bom, o projecto é editar 30 volumes, ao ritmo de 5/6 por ano...»

Qual é a editora que pegou nesse projecto?

«Essa tem piada... Eu próprio fundei uma editora, mais a minha mulher... Chama-se «África — literatura, arte e cultura». Funciona tudo cá em casa. O meu filho, o Sérgio Ferreira, que é cineasta, dá também uma grande ajuda. É o produtor executivo, o que, convenhamos, é uma designação bem pomposa...»

Mas não tem apoios? É tudo por carolice?

«É isso mesmo: carolice. Embora neste caso haja uma ajuda mais concreta do Instituto Português do Livro, com uma espécie de subsídio. Mas se os livros não se venderem não dá. Aliás neste momento essa ajuda está suspensa, pois o IPL não tem dinheiro. Por sugestão do Alçada Baptista a «coisa» está a ser transferida para a Secretaria de Estado de Cooperação, onde o respectivo titular, Gaspar da Silva, que é um homem interessado, parece disposto a dar uma ajuda. Vamos a ver.»

Como interpreta esta falta de apoios apesar de tanto se falar do interesse que Portugal tem em desenvolver todas as formas de cooperação?

«Bem vê: as pessoas ainda não estão sensibilizadas para a importância

de iniciativas deste género. Aliás há uma falta de sensibilização geral quanto ao relacionamento com África. As coisas têm vindo a melhorar — mas lentamente. Então no campo da cultura ainda nos olham como parentes pobres, como visionários, como sonhadores.»

A verdade é que há alguma coisa de sonho e loucura em tudo isso. Ou carolice, como disse. Financeiramente essas suas iniciativas têm resultado?

«Você está a brincar... Não tenho fins materiais, lucrativos. Devo dinheiro, estou até aflito. Está a ver, isto é uma coisa artesanal. O único lucro que tenho tido é o prazer que isto me dá, o gosto de estar a fazer uma coisa que sei que será útil a Portugal, a África e a todos os estudiosos da literatura de expressão portuguesa que há espalhados pelo mundo inteiro.»

Já agora pergunto-lhe outra coisa: tem tido apoios desses países africanos?

«Apenas a boa vontade, a sua receptividade a todas as iniciativas. O que acontece é que esses jovens países atravessam um período difícil, têm problemas de natureza cambial. Se não fosse isso a situação seria certamente bem diferente. De qualquer modo para mim já é importante que eles aceitem, de imediato e sem qualquer reserva, aquilo a que vou metendo ombros.»

O Manuel Ferreira está também ligado à literatura africana a nível da docência...

«É verdade. Dou a cadeira de Literatura Africana de Expressão Portuguesa, que introduzi na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1974. Além disso sou co-director, com o prof. Manuel Veigas Guerreiro, do Instituto de Estudos Africanos, também naquela Faculdade.»

Ribeiro Cardoso